

II- As Intrigas no Modernismo.

Quando lemos sobre o Modernismo no Brasil nos livros didáticos temos a impressão de que todos viviam pacificamente e com um único objetivo: a implantação e construção deste movimento artístico-literário. Estamos enganados. Uma vez que o nosso principal objetivo neste trabalho é fazer uma “leitura do Modernismo”, tal leitura crítica não pode ser feita sem nos situarmos um pouco naquela época, é quando percebemos que o movimento ia sendo construído aos poucos entre muitas divisões ideológicas, chegando mesmo na criação de vários grupos com tendências e “mentores” próprios. Nem sempre as relações entre esses diferentes grupos era pacífica, daí surgirem inúmeras intrigas entre os mesmos que nos permitem uma interessante visão dos relacionamentos entre os modernistas.

O epistolário de Mário de Andrade e Manuel Bandeira é um bom depositário dessas intrigas, os dois amigos tinham uma total confiança recíproca que os permitia serem demasiadamente sinceros um com o outro, é quando acompanhamos os vários desentendimentos vividos por aquela geração. As cartas trocadas são testemunhas dessas tensas relações, tanto que o próprio Mário de Andrade reconhece o valor das intrigas que elas narram:

*Eu sempre afirmo que a literatura brasileira só principiou escrevendo realmente cartas, com o movimento modernista. Antes, com alguma rara exceção, os escritores brasileiros só faziam “estilo epistolar”, oh primores de estilo! **Mas cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem sem mandar respeitos à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, sem dançar***

minuetos sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado: só mesmo com o modernismo se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura. (Mário de Andrade, “Amadeu Amaral”, O empalhador de passarinhos – grifo nosso)

Desta forma, as brigas entre eles adquirem, sob um olhar crítico e atento, uma singular importância dentro da configuração do movimento.

1. Rio de Janeiro: Um Palco de Rivalidades

É antiga a rivalidade entre cariocas e paulistas em vários aspectos da convivência: esporte, música, produção cultural etc. As cartas retratam bem essas dualidades. Numa delas Mário fala desse afastamento:

Sensibilizou-nos teu interesse. Foste o primeiro dos amigos do Rio a nos demonstrar alguma simpatia. Por que esse afastamento? Será possível que em literatura se perpetuem as rivalidades de futebol? Manuel Bandeira, obrigado.¹

O ano desta carta é 1922, é a primeira que Mário escreve a Manuel Bandeira e os mesmos só estavam há quatro meses passados da Semana de Arte Moderna, ocorrida em fevereiro daquele mesmo ano. Bandeira recebe um exemplar da revista Klaxon² enviado por Mário e demonstra um grande interesse, mostrando-se entusiasmado em divulgá-la no

¹ Carta a Manuel Bandeira, 6 de Junho de 1922.

² *Klaxon: mensário de arte moderna* teve a sua primeira edição em 15 de maio de 1922. Teve sedes provisórias em São Paulo, primeiro na Rua Uruguai 14 e depois na Rua Direita 33, nos escritórios onde advogavam Guilherme e Tácito de Almeida e também Couto de Barros. A revista durou até a edição dupla 8/9, de dezembro de 1922 e janeiro de 1923.

RJ; é quando Mário se mostra até um tanto surpreso com a disposição de Bandeira. Este, quando recebe a carta do amigo paulista tenta anular qualquer aparente indiferença dos cariocas:

Não creia que haja por cá afastamento, indiferentismo pelos artistas de São Paulo. Ao contrário, desde que eles aparecem são prezados e queridos. Haja vista você, inédito e já de reputação feita aqui. O que há é uma dispersão formidável de metrópole. Não há aqui esse aconchego que permite a província. Por isso mesmo reputo São Paulo um ambiente excepcionalmente propício à cultura: perto do Rio e fora do Rio. Não pertencendo nem à Liga Metropolitana nem à Associação Paulista³, estou, como pernambucano qualificado para referre ... Já vivi em São Paulo onde cursei o 1º ano da Escola Politécnica (ia estudar arquitetura)⁴ e posso dizer: São Paulo é uma coisa e o Rio é uma mistura de coisas onde também a coisa paulista entra.⁵

Passado esse episódio, Manuel Bandeira narra vários problemas ocorridos no Rio de Janeiro. É interessante notar que em algumas de suas cartas, Bandeira apresenta o meio cultural da então capital federal como um eterno palco de brigas entre muitos, onde convivem entusiastas e algozes do Modernismo. Em 1925, o jornal carioca *A Noite* promoveu o “Mês Futurista”⁶, com vários artigos diários sobre o Modernismo, chamado

³ A *Liga Metropolitana de Sports Athleticos* foi fundada no RJ em 1908 e a *Associação Paulista de Sports Athleticos* foi fundada em SP em 1913; ambas tinham o objetivo de organizar e incentivar a prática do futebol, ainda jogado de forma bem amadora em nossas terras. (V. CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial. Memória do futebol brasileiro 1894-1933*).

⁴ Manuel Bandeira se muda para SP em 1903, permanecendo lá até o final de 1904. Nesse período, o poeta estuda e também trabalha nos escritórios da Estrada de Ferro Sorocabana, freqüentando também um curso noturno de ornato no Liceu de Artes e Ofícios.

⁵ Carta a Mário de Andrade, 03 de julho de 1922.

⁶ Mário teve a responsabilidade de selecionar os colaboradores e organizar as suas respectivas contribuições no “Mês Futurista”, que durou de 12 de dezembro de 1925 a 12 de janeiro de 1926. Em 29 de novembro daquele ano Mário apresenta ao jornal a ordem estabelecida: Segunda-feira, Carlos Drummond de Andrade; Terça, Sérgio Milliet; Quarta, Manuel Bandeira; Quinta, Martins de Almeida; Sexta, Mário de Andrade e Sábado, Prudente de Moraes, neto. A primeira reportagem do “Mês” foi uma entrevista de Viriato Correia com Mário de Andrade intitulada “Assim falou o papa do futurismo”.

por muitos de Futurismo. Bandeira foi convidado por Viriato Correa⁷, então redator-chefe, para fazer parte do grupo que colaboraria com trabalhos em defesa do Modernismo, é quando Bandeira questiona um tanto céptico:

Prudentico⁸ me transmitiu o convite para colaborar no mês futurista da Noite. Fiquei assim sem saber se posso fazer coisa que preste. De que é que se tem de falar? De modernismos ou de toda coisa sabível? Não vão apresentar a gente como bicho ensinado, não? Esse Viriato detesta modernismos, incluindo na rubrica futurismo até a ausência de rima. Se a Noite vai fazer esse mês, será unicamente por ordem do Geraldo Rocha⁹, influenciado pelo Oswald, pois todos os redatores do jornal são adversários do nosso grupo. Não farão sacanagem?¹⁰

O aparente medo de Bandeira é justificado pois naquele momento o movimento ainda não estava totalmente consolidado, aos poucos estava sendo construído com erros, acertos e dúvidas.

Tais intrigas não se realizavam somente no meio literário, estavam presentes no meio artístico como um todo. Manuel Bandeira tinha vários amigos músicos, embora ele sempre afirmasse que não tinha muito conhecimento de teoria musical; freqüentava as casas de Villa-Lobos¹¹, Germana Bittencourt¹², Jayme Ovalle¹³ e outros tantos. Um

⁷ Viriato Correia (1884-1967) – jornalista de prestígio do jornal *A Noite*. Deixou algumas publicações suas com crônicas históricas e jornalísticas; foi membro da Academia Brasileira de Letras.

⁸ Francisco de Paula Prudente de Moraes, neto (1904-1977). Era carinhosamente chamado pelos amigos de “Pru, Prudentico, Prudentinho”; com Mário e Bandeira o neto do presidente Prudente de Moraes teve uma sólida amizade. Usou o pseudônimo “Pedro Dantas” para assinar vários dos seus trabalhos; embora tenha produzido muito, publicou somente o ensaio *Notícia sobre o romance brasileiro* (1939).

⁹ Geraldo Rocha era o proprietário do jornal *A Noite*.

¹⁰ Carta a Mário de Andrade, 23 de novembro de 1925.

¹¹ Heitor Villa-Lobos (1887-1959) – de estranho temperamento, Villa-Lobos teve os primeiros contatos com os modernistas paulistas através de Graça Aranha e Ronald de Carvalho que o convidaram para participar da Semana de Arte Moderna em 1922; Villa causou um certo escândalo pois apresentou-se numa

desentendimento sério entre esses três músicos fez Bandeira escrever uma longa carta a Mário relatando o que ocorrera:

Nunca mais voltei à casa do Villa. Houve umas cenas muito desagradáveis entre o Villa e a Germana. Duas vezes: da 1ª não houve rompimento. Germana me procurou pra aconselhar-se. A história foi assim: a G. estava ensaiando o Caboclinho do Ovalle com a Lucília¹⁴ e o Villa. Em certo pedaço a G. diz: “Isso é bem o Ovalle!” O Villa protestou dizendo que aquele ritmo já estava no Noneto, que a coisa toda aliás não tinha nenhuma originalidade e revelava uma porção de influências – Debussy, Fauré, René, Baton. Germana queimou-se e respondeu. Palavra puxa palavra, o V. acabou esbravejando “Que não queria mistura e que se G. incluísse as músicas do O. no programa, ele retiraria as dele”. (...)

Aconselhei a G. fazer tudo pra não brigar; aconselhei que nada contasse a ninguém e sobretudo ao Ovalle; mostrei o mal que adviria pra ela, pro V., pro O., pra mim, pra todo o mundo se ela ou o Villa tomassem o pião na unha. (...)

Pois faz uma semana G. telefona toda afobada dizendo ter brigado naquele momento com o Ovalle e vinha em minha casa contar tudo. Chegou toda excitada chorando. Da 2ª vez a cena foi esta: estava ela com o casal conversando Germana disse que ia a São Paulo entre 15 e 20 cantar em duas conferências de Afonso Lopes de Almeida. O Villa estrilou que era uma falta de respeito pra com ele G. dar assim o fora nos ensaios para o concerto

das noite descalço, tamanha era a dor que sentia devido a uma infecção nos pés. Mário defendia muito a sua música, que para ele era tinha um nacionalismo crítico. O vanguardismo de sua música se deu em decorrência de um profundo aproveitamento das nossas raízes musicais populares associado à sólida formação erudita que o maestro teve. Incompreendido por muitos, principalmente no Brasil, Villa-Lobos conseguiu um grande reconhecimento no exterior, especialmente em Paris. Quando lá chega em 1923 ele declara: “Não vim estudar com ninguém, vim mostrar o que eu fiz”.

¹² Germana Bittencourt (a Germaninha) – cantora brasileira casada com o poeta argentino Pedro Juan Vignale. Era estimada por Manuel Bandeira, embora ele reconhecesse que ela não explorava todo o seu potencial. Germaninha rompeu a amizade com Mário de Andrade pois ela tentou divulgar na Argentina várias canções folclóricas colhidas por Mário no Nordeste sem a autorização deste. Faleceu em 1931.

¹³ Jayme Rojas de Aragón y Ovalle (1894-1955) foi um grande amigo de Manuel Bandeira. De temperamento dócil e companheiro, ele musicou vários poemas de Bandeira e publicou-os com o título *Azulão, Modinha e Berimbau*, que o consagrou dentro e fora do Brasil.

¹⁴ Primeira esposa de Villa-Lobos.

de coros dele Villa (ia realizar-se a 25 mais ou menos). Que antes de G. pensar no próprio concerto dela, devia pensar no concerto dele. G. explicou as encrencas de dinheiro dela. Deu a raiva nos dois e ambos se insultaram e se humilharam à beça. G. disse que o V. não tinha caráter nem como artista nem como homem. V. que G. não valia nada, que nós é que a enchíamos de vento (mentira, pois nós vivemos espinafando a G.), que o concerto dela é pura cavação e que se ela tinha necessidade de dinheiro ele daria um concerto em benefício dela. Quando G. enfim teve a idéia de dizer que ia embora ele gritou: “Pois puxe pra fora daqui”.¹⁵

Com esse relato de Bandeira é possível “sentir” o clima às vezes tenso entre os artistas daquela época, chegando mesmo às fronteiras das agressões verbais e morais. É interessante o relato que Manuel Bandeira faz de um concurso para a cadeira de Literatura Vernácula da antiga Escola Normal ocorrido em 1930. Nesta época, *Macunaíma* já tinha sido publicado e a recepção do mesmo era a mais variada possível, pois o livro despertava paixão e repúdio no meio literário; a rapsódia escrita por Mário de Andrade era incompreendida por muitos e discutia-se esse “herói sem nenhum caráter” que Mário trazia à luz. No momento do referido concurso da Escola Normal *Macunaíma* foi citado e fez parte das discussões. Manuel Bandeira estava na platéia e comenta com Mário:

A propósito: Macunaíma veio à baila no concurso de Literatura Vernácula da Escola Normal. O Osvaldo Orico¹⁶ escolhambou-o depois de não ter feito a menor referência na tese que era sobre mitos ameríndios. O Alceu¹⁷ argüindo-o espinafrou com o Orico.

¹⁵ Carta a Mário de Andrade, 15 de outubro de 1926.

¹⁶ Osvaldo Orico (1900-1981). Poeta e ensaísta, Orico ocupou o cargo de Diretor de Instrução do Distrito Federal e mais tarde professor da Escola Normal; publicou *Os mitos ameríndios: sobrevivências na tradição e na literatura brasileira*.

¹⁷ Alceu de Amoroso Lima (1893-1983). Sob o pseudônimo “Tristão de Athayde” escreveu inúmeras críticas literárias ao longo de décadas no jornalismo e na produção acadêmica universitária. Converteu-se ao Catolicismo em 1928 após a morte do pensador Jackson de Figueiredo, com quem se correspondia desde 1919. Grande figura do pensamento católico no Rio de Janeiro, Alceu ajudou a fundar, juntamente com o então Cardeal-Arcebispo D. Sebastião Leme, O Instituto Católico de Estudos Superiores, que mais tarde daria

Cheguei à sala no momento em que o A. irritadamente dizia que você podia ser no conceito de Orico um imbecil, um cretino, não obstante o Macunaíma representava uma contribuição que não podia ser calada sem grava falta: omissão imperdoável em tese de tal assunto. Orico engoliu. Depois o safadinho quis se valer do Macunaíma para justificar um avanço errado sobre a importância das contribuições tupis no léxico, ponto em que foi sovado pelo Alceu e pelo Nascentes¹⁸, outro examinador.

__ Só no Macunaíma se encontram cerca de quinhentas palavras tupis ...

Aí o malandro velho do Nestor Vitor¹⁹ aparteou ironicamente:

__ Um livro que não vale nada ...

A assistência caiu na gargalhada.

Mas não parou aí. Na prova escrita a Cecília Meireles²⁰ escreveu que o Bernardo Guimarães teve grande influência sobre a geração modernista, tanto que o sr. Mário de Andrade é autor de uma obra intitulada A escrava que não é Isaura ...²¹

Não levando em consideração os equívocos teóricos de Cecília Meireles, o fato é que este concurso provocou muita discussão nos bastidores. Numa carta a Alcântara Machado, Bandeira revela certos detalhes que nos ajudam a entender um pouco da atmosfera daquele evento:

origem à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi amigo dos modernistas, embora no início do movimento tenha se mostrado um tanto céptico em relação ao mesmo. De sua vasta obra destacamos: *O espírito e o mundo* (1936), *O crítico literário* (1945) e *Introdução à Literatura Brasileira* (1956).

¹⁸ Antenor Nascentes. Filólogo e gramático, foi um grande amigo de Bandeira, a quem o poeta geralmente recorria nas suas dúvidas sobre Gramática.

¹⁹ Nestor Vitor (1868-1932). Foi crítico literário e professor do Colégio Pedro II; colaborou durante longos anos em jornais como *O Globo* e *Correio da Manhã*. Publicou *Cartas a gente nova*.

²⁰ Cecília Meireles (1901-1964). Grande poetisa e também educadora, teve a vida pessoal marcada por várias mortes em sua família. Como educadora colaborou durante vários anos no *Diário de Notícias* com artigos sobre educação; como poetisa, seu estilo sempre foi marcado por um tom existencialista com tendências simbolistas, fazendo um relacionamento profundo entre os valores eternos e efêmeros. Publicou *Espectros* (1919), *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto* (1945) e *Romanceiro da Inconfidência* (1953).

²¹ Carta a Mário de Andrade, 28 de agosto de 1930.

O concurso [...] tem dado que falar ao mundozinho da Livraria Católica [...] tudo correu de maneira amena até dadas as notas da primeira prova: Clóvis Monteiro (irmão do Mozart) e Cecília Meireles 8,5; Homero 8; Sílvio Júlio 7,5, Orico 7. Ai os três últimos se queimaram. Homero se limitou a interromper o concurso. Orico veio para os jornais se declarando “enojado do safadismo desse crioulo que atende pelo nome de Antenor Nascentes e do senvergonhismo medular do velho Nestor Vitor, que Deus haja”. O Nascentes responde no Correio da Manhã de hoje dando a entender que o Orico é puto. O Sílvio Júlio, que andou espalhando que a Cecília usava e abusava dos seus olhos verdes dela para conquistar as boas graças do júri, teve que ouvir uma descomponenda da poetisa à vista de todo o mundo que acabava de presenciar o concurso. A Cecília, que é diserta, esculhambou o ibero-americanista e este não teve remédio senão agüentar firme e sem retrucar.²²

Tais narrativas nos levam a desmistificar aquele clima de cordialidade que muitos livros didáticos nos oferecem; essas intrigas nos fornecem os traços pessoais e comportamentais que a obra ficcional não revela, cada um mostra o seu verdadeiro “eu” na reivindicação dos seus respectivos interesses.

Em vários momentos da sua vida, Mário aproveitou o espaço que tinha na imprensa para se auto-defender de alguns ataques, em algumas situações escreveu uma ou outra “carta aberta” para atacar certas pessoas que o destrataavam. Bandeira não concordava com essa prática do amigo e sempre pedia que Mário se resguardasse e não se expusesse tanto; é o próprio Bandeira que fala a respeito dessas brigas:

²² Arquivo Antônio de Alcântara Machado (IEB-USP).

*Discordo de ti, achando que podemos perfeitamente atacar-nos em público e raso. Fazer o contrário não só é fingimento, visto que de fato divergimos e nos atacamos, como prejudicial por dar a impressão de queremos constituir panelinhas. Pouco me importa a perfídia dos adversários. O ataque de um adversário diverte-me quando é tolo e estimula-me quando é inteligente. O que me dói é a perfídia dos amigos. E estou verificando-a todos os dias.*²³

O autor de *Libertinagem* revela um pouco do seu caráter equilibrado no que diz respeito à opinião alheia acerca dele e também da sua obra: os “ataques” lhe são importantes uma vez que os mesmos contribuam para o enriquecimento do seu estilo e da sua obra; é quando Bandeira revela o que realmente lhe deixava mais triste: a falsidade de muitos que se diziam “amigos”. Sobre certas amizades Bandeira fala mais uma vez a Mário:

*É que não acredito na amizade na extensão e profundidade em que você a concebe. Amizade: afinidade de inteligências, relação de inteligência. Não quero dizer que seja só isso, que deva ser só isso. Mas que seja sobretudo isso. Confiança? Como confiar em quem amanhã pode ser nosso inimigo? Tenhamos amigos, mas reflitamos: que são como nós carne fraca: não os exponhamos a possivelmente mais tarde magoar-nos. ajudemos os amigos a desenvolverem harmoniosamente o que há neles de bom. Peçamos o mesmo também a eles.*²⁴

O ambiente artístico-literário do Rio de Janeiro estava bem dividido, havia muitas divergências ideológicas entre os modernistas da capital da República (como também acontecia em São Paulo). Manuel Bandeira formava um coeso grupo com Prudentinho e

²³ Carta a Mário de Andrade, 17 de abril de 1924.

²⁴ Carta a Mário de Andrade, 23 de maio de 1924.

Sérgio Buarque de Holanda²⁵; do outro lado estavam Ronald de Carvalho²⁶, Guilherme de Almeida²⁷ e Filipe d'Oliveira²⁸, todos “guiados” por Graça Aranha²⁹.

Em alguns momentos o clima de divisão e rivalidade ficava deveras explícito, tanto que Bandeira revela ao amigo de São Paulo:

Estive na conferência do Guilherme. Estavam também presentes Graça, Ronald, Felipe d'Oliveira (na mesa), Rodrigo³⁰, Prudente e ... Sérgio. A conferência justificou o

²⁵ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Grande amigo de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, Sérgio foi o divulgador dos “futuristas” paulistas no RJ; já em 1921 escrevia artigos sobre o Modernismo na revista *Fon-Fon*, mais tarde também divulgará a *Klaxon* na capital federal. Bandeira disse a seu respeito: “Nunca me esqueci de sua figura certo dia em pleno Largo da Carioca, com um livro debaixo do braço e no olho direito o monóculo que o obrigava a um ar de seriedade. Naquele tempo não fazia outra coisa senão ler. Estava sempre com o nariz metido num livro ou numa revista.” (“Sérgio, anticafajeste”. *Poesia e prosa*, v. 2, p. 347). Sérgio foi autor de *Raízes do Brasil* (1936) e *Visão do paraíso* (1959) dentre outros livros.

²⁶ Ronald de Carvalho (1893-1935). Diplomata e escritor, foi o representante brasileiro de *Orfeu* na vanguarda portuguesa e deixou uma obra poética com inflexões simbolistas. Em 1927 teve um desentendimento com Mário por causa das críticas que este fizera a alguns poemas seus, o que levou Mário a escrever o poema “Ponteando sobre o amigo ruim”, publicado em *Remate de Males*. Morreu num trágico acidente automobilístico e publicou *Pequena história da literatura brasileira* (1919), *Epigramas irônicos e sentimentais* (1919), *Jogos pueris* (1926) e *Toda a América* (1926).

²⁷ Guilherme de Almeida (1890-1969). Poeta, jornalista e crítico literário, “Gui” (como era chamado por Mário) teve grande importância na divulgação do Modernismo após a Semana de 22, empreendendo diversas viagens pelo Brasil para divulgar o movimento. Em 1922 se casou com Belkiss Barrozo do Amaral (a “Baby”), a quem Mário dedicou as “Danças” do seu livro *Remate de Males*. Ideologicamente divergiu muito de Mário e Bandeira, fazendo uma feroz oposição à candidatura de Bandeira à Academia Brasileira de Letras em 1940 (Guilherme entrou para a Academia em 1930). Dentre seus vários livros citamos: *Mon coeur balance et Leur âme* (teatro, com Oswald de Andrade, 1916), *Nós* (poesia, 1917), *Era uma vez ...* (poesia, 1922).

²⁸ Felipe d'Oliveira (1891-1933). Nasceu no Rio Grande do Sul e quando se mudou para o Rio de Janeiro uniu-se ao grupo de Graça Aranha; com tendências neo-simbolistas, publicou *Lanterna Verde* (1927).

²⁹ José Pereira da Graça Aranha (1868-1931). Foi diplomata, escritor e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, com a qual rompeu em 1924 para aderir de maneira mais próxima ao Modernismo. Sua atuação no meio modernista foi sempre polêmica e dividiu opiniões na época. Graça detinha um grande prestígio na sociedade de então, estava interessado em adquirir uma posição de “líder”, de “mentor”, de “guia” do movimento, o que deixou o grupo de Mário e Bandeira revoltados, provocando uma sintomática separação; no seu necrológio Bandeira afirma: “Nunca fiz parte do grupo de amigos e discípulos de Graça Aranha. Aliás não havia propriamente discípulos de Graça Aranha. O movimento de aproximação foi mais dele para os rapazes do que destes para ele. Havia amigos de Graça Aranha que aceitavam a sua profissão de fé de entusiasmo. Ora, esse entusiasmo não só me deixava frio como suscitava mesmo a vontade de contrariar o professor de entusiasmo.” (“Graça Aranha”, *Poesia e prosa*, v.2, pp. 177-178). Já Mário oscilou entre momentos de defesa e reconhecimento do valor de Graça (tanto que financiou sozinho o último número da revista *Klaxon*, inteiramente dedicada ao autor de *Canaã*) e momentos que o repudiou com extrema veemência.

juízo do Sérgio: “O mais que eles fizeram foi criar uma poesia principalmente brilhante: prova que sujeitaram uma matéria pobre e sem densidade”.

Sérgio fez mouche, como diz Ribeiro Couto³¹. O Guilherme estava com tanta raiva dele que perdeu inteiramente ... o quê meu Deus? E aludiu ao outro como um desses rapazinhos dúbios, efeminados, tomadores de cocaína. O Sérgio deveria ter-se levantado e agredido o Guilherme em plena conferência. Depois da conferência eu disse ao Guilherme que ele tinha feito mal. Ao que ele respondeu falando muito e dizendo uma porção de impropérios como este “que estes safadinhos iriam lamber o cu dele pois ele estava no Estado de São Paulo”!!

Prudente e Sérgio, creio que intencionalmente, passaram diante do Guilherme sem falar com ele. Prudente com aquele raciocínio saudável e honesto concluiu que o Guilherme foi vil.³²

Esta atitude violenta de Guilherme de Almeida é explicada pois alguns dias antes (15 de outubro) Sérgio Buarque de Holanda publicara na Revista do Brasil um artigo intitulado “O lado oposto e outros lados”, onde afirmou:

São autores que se acham situados positivamente do lado oposto e que fazem todo o possível para sentirem um pouco a inquietação da gente da vanguarda. Houve tempo em que esses autores foram tudo quanto havia de bom na literatura brasileira. No ponto em que estamos hoje eles não significam mais nada para nós.³³

³⁰Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969). Foi advogado e jornalista, tendo se destacado no trabalho exercido no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional entre 1936 e 1968. Colaborou no jornal *O Dia*, na *Revista do Brasil* e em *O Jornal*.

³¹ Ribeiro Couto (1898-1963). Foi responsável direto na aproximação de Mário de Andrade e Manuel Bandeira (era amigo de Ronald de Carvalho, na casa do qual Mário recitava os poemas de *Paulicéia Desvairada*; na platéia estava Bandeira). Formado em Direito, destacou-se no serviço diplomático e foi membro da Academia Brasileira de Letras. Publicou *O jardim das confidências* (1921), *Poemetos de ternura e melancolia* (1924) e *Cancioneiro de Dom Afonso* (1939).

³² Carta a Mário de Andrade, 03 de novembro de 1926.

³³ In HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*, v. 1, pp. 224-228.

Sérgio percebia que o movimento, embora jovem, já estava impregnado de ideologias que comprometiam os ideais nacionalistas da Semana de 22; certamente é por isso que neste mesmo artigo o autor de *Raízes do Brasil* louva incondicionalmente o nacionalismo crítico praticado por Oswald de Andrade. Enfim, a crítica tinha um direcionamento certo: Graça Aranha e o seu grupo, especialmente Guilherme de Almeida, todos do “lado oposto” do grupo de Mário e Bandeira.

Essas revelações de Bandeira deixam Mário entristecido e o levam a escrever uma longa carta ao amigo do Rio de Janeiro; nela Mário se mostra equilibrado ao analisar os fatos e as pessoas citadas por Bandeira. No que diz respeito aos desentendimentos acontecidos na referida conferência Mário comenta:

Eu tenho feito em artigos muita restrição ao Gui e ao Ronald restrição que não aceitaram ou que discutiram porém não brigaram comigo. Porém quando citei a frase de você foi pra chamar sua atenção sobre uma coisa: é que Prudentico principalmente ainda mais que o Sérgio quando escrevem contra dão pras frases um ar de ataque que fere. Fazem a restrição com uma secura uma aspereza que pode ser peculiar neles porém faz com que os outros caiam na idéia de ataque. Sobre isso já me preveni bem porque sei que me atacarão e se o ataque vier assim não ressentirei porque pode ser feitio deles. (...) Eu quando tenho um camarada procuro lhe ocultar os defeitos e quando sou obrigado a reconhecer estes, os reconheço porém amigamente. E creio que não sou nenhuma exceção.³⁴

³⁴ Carta a Manuel Bandeira, 10 de novembro de 1926.

Era próprio de Mário esse caráter mais apaziguador, embora em alguns momentos ele faz defesas e ataques com muita força. Mas no geral Mário é um tanto brando e mais diplomático, sabe como “atacar”. Todo esse clima leva Manuel Bandeira a considerar ser o Modernismo o culpado pela desunião dos amigos de outrora, tanto que ele o revela a Mário:

eu sei, e compreendo bem, que você, o Ribeiro Couto gostam da poesia do R. e são sinceros. Já o R. C.³⁵ não tolera a do Guilherme. O que atrapalha tudo é essa história de modernismo. Que coisa pau! Parece uma putinha intrigante que apareceu pra desunir os amigos. Ninguém sabe definir essa merda, que todo mundo quer ser! Isso sempre me aporrinhou. Não tem a menor importância ser modernista! Vamos acabar com isso? Por enquanto o que acabou de fato foi o meu papel!³⁶

Com isso, percebemos que o Rio de Janeiro era realmente um palco “eternamente armado” para as brigas às vezes sutis, às vezes violentas daqueles cujos nomes figuram nos estudos da Literatura Brasileira. Não queremos dizer com esses relatos que São Paulo se caracterizasse pela paz intelectual, certamente o seu meio tinha as suas próprias intrigas e problemas. Todavia, no conjunto de cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira a posição sempre “armada” do Rio de Janeiro é mais proeminente e explícita. Mário desabafava com Bandeira problemas com terceiros que tivessem algum tipo de conseqüência diretamente ligada à sua pessoa, como acontecerá nos constantes conflitos ideológicos que teve com Graça Aranha e o seu grupo. Já Bandeira aproveitava da amizade e da confiança que tinha em Mário para relatá-lo incidentes envolvendo outras pessoas e não apenas ele, o que nos possibilita hoje fazer essa “leitura do Modernismo” que também se construiu através de relações em alguns momentos tensas e complexas.

³⁵ Trata-se de Ronald de Carvalho.

³⁶ Carta a Mário de Andrade, 13 de novembro de 1926.

2. O “Caso Graça Aranha”

Graça Aranha foi uma figura que provocou inúmeras reações dentro do movimento modernista; vangloriado por alguns e rebatido por outros, ele foi um divisor que formou um considerável grupo de simpatizantes ideológicos que sempre esteve em conflito com o grupo de Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

No início do Modernismo brasileiro Mário de Andrade demonstrou uma profunda admiração por Graça Aranha, reconhecendo mesmo um grande valor naquele que fora capaz de entrar em conflito com a Academia Brasileira de Letras para defender mais intimamente o movimento modernista. É Mário quem escreve:

A propósito de Graça continuo a achar que tu e o Couto não tiveram razão em não homenagear o homem³⁷. Compreendes: por mais que ele se ponha na nossa frente, por mais que os coiós, daí, do Norte, do Sul até o Antônio Ferro³⁸ agora em Portugal digam que ele iniciou o modernismo brasileiro, as datas estão aí. E as obras. Agora o que ninguém negará é a importância dele para a viabilidade do movimento, e o valor pessoal dele. É lógico: mesmo que o Graça não existisse nós continuaríamos modernistas e outros virão atrás de nós, mas ele trouxe mais facilidade e maior rapidez pra nossa implantação³⁹. Hoje nós somos. Se o Graça não existisse, seríamos só pra nós, e já somos

³⁷ Trata-se do último número da revista *Klaxon*, inteiramente dedicado a Graça Aranha.

³⁸ Antônio Ferro (1895-1956). Foi um dos editores de *Orpheu*, revista da vanguarda futurista portuguesa. Viveu quatro meses no Brasil e teve profundos contatos com os nossos modernistas, escrevendo o manifesto anti-burguês “Nós” e colaborando em *Klaxon*. Publicou *Estados Unidos da Saudade* (1949).

³⁹ Certamente Mário faz essa afirmação pois Graça Aranha detinha grande prestígio na alta sociedade daquele momento. Com uma grande carreira na diplomacia, o acadêmico Graça Aranha também possuía

pra quase toda gente. [...] Eu sei que também admiras o Graça. Eu, ainda mais, sou camarada dele, apesar de todos os defeitos feios que lhe reconheço. Ele saiu da Academia ... Pois eu lhe mandei uma carta de solidariedade que esforcei-me por deixar sem nenhum laivo de ironia. A ironia vinha do sacrifício que ele fazia da Academia pra ganhar a grande glória de ser condutor de gentes.⁴⁰

É possível perceber ainda uma considerável admiração de Mário por Graça, tanto que o referido número da *Klaxon* em homenagem a Graça foi financiado unicamente por Mário, pois neste momento a revista já estava em séria crise financeira (inclusive esse número foi o último). Contudo, essa admiração vai logo ceder lugar a um sério repúdio de Mário pelo acadêmico. Quanto a Bandeira, podemos afirmar que nunca houve por parte dele uma simpatia por Graça Aranha, e tal fato ele nunca deixou de revelar ao amigo paulista; é o que ele faz nesta carta de 1922 quando convidado por Mário para integrar o grupo de escritores que homenageariam Graça na *Klaxon*, ou seja, no início do Modernismo e da amizade entre os dois:

Quanto à “Doação dos Poetas” pesa-me, meu caro Mário, ter que dizer que não me sinto qualificado para tomar parte nele. Uma homenagem como essa que os klaxistas vão prestar ao Graça Aranha implica não só a admiração mas também e sobretudo a simpatia pelo homem e pela obra. É o que me falta, e seria insincero da minha parte aparecer ao lado de vocês. Admiro o Graça, mas sinto-o distanciado de mim.⁴¹

Essa também será a postura de Mário no futuro: reconhecer um determinado valor no autor de *Canaã*, porém mantendo uma certa distância e combatendo a sua postura de

prestígio como escritor, tanto que a sua participação na Semana de Arte Moderna deu ao evento a credibilidade que necessitava para que o mesmo se afirmasse naquele contexto.

⁴⁰ Carta a Manuel Bandeira, 22 de novembro de 1924.

⁴¹ Carta a Mário de Andrade, 22 de novembro de 1922.

“líder” do movimento no Brasil. Mas o que provocava essa inquestionável repulsa de alguns modernistas para com Graça Aranha? Além da referida postura de Graça de querer ser a principal liderança do Modernismo, havia também um outro motivo: a “filosofia da alegria” defendida pelo autor de *Espírito moderno*.

Graça afirmava que o caráter do brasileiro se definia por uma eterna alegria deste, e isto faria o diferencial na universalização da nossa cultura, seria uma espécie de “porta-voz” da brasilidade, idéia esta que será ironizada largamente por Mário e o seu grupo. Numa conferência proferida no Rio de Janeiro, Graça Aranha solidificou a sua crença na “perpétua alegria” do brasileiro afirmando: *Aos líricos da tristeza opomos os entusiastas da esperança. Venceremos pela alegria. Mais inteligente do que a tristeza, a alegria é a compreensão de que tudo é efêmero e exige ser realizada com vida na plenitude da força criadora.* Essa alegria é motivo de riso para Manuel Bandeira:

*Nem Sérgio nem Prudentinho aceitam a filosofia de Graça. Fazem blague. Admirando, como todos, é claro, o mestre da perpétua alegria.*⁴²

Daqui em diante, Mário demonstrará a sua total aversão a Graça Aranha; começa uma série de cartas que testemunham essa importante mudança paradigmática em Mário de Andrade. Numa longa carta enviada ao amigo do Rio de Janeiro, o autor de *Clã do Jabuti* afirma:

⁴² Carta a Mário de Andrade, 02 de dezembro de 1924.

Agora ainda tenho de escrever uma carta pro Renato sobre o artigo bonito dele a respeito do Espírito moderno. Vou mostrar pra ele que ele tem muita contemplação com o Graça e formulo duma vez todas as queixas que tenho do Graça aliás de quem não sou amigo. Manuel [...] me parece irremediável: quando se falar do nosso movimento pro futuro o Graça aparecerá como chefe dele e diretor das nossas consciências, o que é a coisa mais inexata e injusta que pode haver. Mas me parece irremediável isso. Dá raiva. Não porque eu pretendesse dirigir o movimento, creio que já bem provei a minha repugnância de ser diretor de consciência, não tenho coragem de assumir tanta responsabilidade porém dá raiva ver um homem aparecer de repente de longe e com a reputação que já tinha apossar-se duma coisa que ainda não sabia o que era mas que inteligente como era viu que viável, só porque tinha a esperança de que do livro dele, essa Estética da vida que é apenas uma síntese mal feita de filosofias orientais, saísse a renovação do Brasil. E como chegou no momento psicológico em que o Brasil estava com o nosso sacrifício se renovando, afeiçoou-se a essa renovação pra ser o manda-chuva dela. Quando o Osvaldo disse que o Graça desconhecia inteiramente o modernismo quando chegou no Brasil, disse a mais verdadeira das verdades. Leu o observou tudo o que estávamos fazendo, bem me lembro das palavras vagas que pronunciava ouvindo e vendo as nossas pinturas e poesia! E se apossou de tudo. Isso dói porque o sofrimento nosso embora continue a valer pelo que traz pelo Brasil foi se tornar pedestal dum homem que em nada nos influenciou. Em nada. [...] Detesto o Graça. [...] Graça querendo fazer do brasileiro um tipão alegre por ... teoria filosófica e integração no Todo Infinito com uma incompreensão inteirinha do homem brasileiro que ele não observou, contrariando a psicologia natural desse homem, fazendo da alegria um preconceito.⁴³

Mário é bem claro no seu raciocínio, a pseudo-liderança de Graça Aranha o irrita, bem como a sua “filosofia” da alegria que caracteriza o diferencial do homem brasileiro, levando-o à universalização e posterior transcendência, introduzindo-o num “Todo

⁴³ Carta a Manuel Bandeira, 07 de maio de 1925.

Infinito”. Tal filosofia tinha até um nome: Integralismo; a seu respeito Mário diz a Bandeira:

A dedicatória do número está bem clara. Aliás o número de Klaxon é muito menos dedicado ao Graça que o da Estética. Nesta afora eu, que também entro na filosofia integralista (Ronald chamou a filosofia graciana de Integralismo. Creio que quis dizer Integracionismo, que fica bem mais exato) [...]. Esse Todo Infinito já está aporrinhando a gente, não achas? É uma verdadeira obsessão a mania desses rapazes quererem se integrar no Cosmos. Sebo!⁴⁴

As idéias de Graça Aranha denotam a sua total falta de percepção do espírito modernista e das suas dinâmicas ideológicas; ele “apadrinhou” o movimento e quis dar um credo ao mesmo, credo este que passaria por algum tipo de idéia criada por ele, daí o Integralismo (ou Integracionismo, como sugere Mário). Mas aos poucos isso vai minando cada vez mais as relações do mesmo com aqueles que discordavam dele, e também minando as relações dentro do próprio Modernismo, a ponto de Bandeira desabafar:

Essa história de modernismo está mesmo extremamente aporrinhante. Sabe o meu sentir íntimo? É que o grupo precisa ser espatifado porque não há nele real espírito de camaradagem. Tudo o que você diz do Graça é justo. A coisa é ainda mais revoltante do que você pensa, pois aos olhos de muita gente o Graça é um ingênuo que está fazendo idealisticamente o jogo de meia dúzia de cabotinos!! Já ouvi dizer isso mais de uma vez. [...] Sem querer influir na sua conduta, acho que você só deve ter intimidade de coração e inteligência com os seus bons amigos de São Paulo. Com os de fora, muita cautela. [...] O Ronald não sabe o que é amar, verbo intransitivo. O Graça então é horrível. Eu, por mim, vou deixar de procurar toda essa gente porque é horrível sorrir pra homens que a gente

⁴⁴ Carta a Manuel Bandeira, 22 de novembro de 1924.

*não estima. Aliás tanto o Graça como o Ronald devem ter sentido a desconfiança com que por um momento eu me aproximei deles. E me arrependo.*⁴⁵

Todos esses conflitos levam Mário escrever e publicar no jornal carioca *A Manhã* de 10 de janeiro de 1926 uma “Carta aberta a Graça Aranha”, que veio à luz como uma bomba, aumentando ainda mais as distâncias entre os “partidos” modernistas e contribuindo para separar de uma vez os partidários de Graça dos demais. Nesta carta-artigo Mário afirma:

you falha como orientador porque em vez daquele que imagináramos no começo, sujeito de idéias largas, observando a época e condescendendo com o Modernismo tal como ela e ele são [...] você pela preocupação excessiva de si mesmo, pela estreiteza crítica a que essa preocupação o levou, está hoje sobrando em nosso despeito apenas como dogmático irritante, passador de pitos inda por cima indiscretos, e um modernista adaptado ao Modernismo apenas pelo desejo de chefiar alguma coisa. [...] Você em Filosofia não passa dum interventor que vive abrindo portas abertas.

É explícita a aridez de Mário nas suas considerações acerca de Graça Aranha; todavia, este dava motivos, provocava a ira dos seus críticos com certas atitudes suas, como bem observa Bandeira:

you sabe que não gosto nem um tiquinho do Graça. Ele é um intrigante. Agora mesmo anda espalhando que o Geraldo⁴⁶ é que sabe debochar a gente; que fez o mês pra debochar a gente; etc. Um amigo meu contou-me isso, sem revelar de onde partia, e estava tão interessado por mim que andou me telefonando para evitar que eu desse a

⁴⁵ Carta a Mário de Andrade, 11 de maio de 1925.

⁴⁶ Geraldo Rocha.

colaboração. Não me encontrou pelo telefone, a minha primeira colaboração saiu e dois dias depois ele me encontrou na rua e falou-me . Eu disse a ele que a “mesa”⁴⁷ andava dizendo isso e que se a informação vinha dessa fonte ela era suspeita e não tinha importância. Ele não quis comprometer ninguém mas deixou transparecer que a intriguinha saiu dali.⁴⁸

E a “mesa” ainda aprontará outras com os nossos missivistas analisados, havendo a necessidade de uma tese específica somente para analisar tais intrigas; mas e as brigas com os outros? Certamente Graça Aranha e os seus “súditos” não foram os únicos contemplados com a ira recíproca de Mário de Andrade e Manuel Bandeira, outros também brigaram com os dois. Contudo, a presença de Graça foi muito forte chegando mesmo a constituir um “caso” particular. O modernismo estava bem dividido ideologicamente e este artigo de Tristão de Athayde em *O Jornal* deixa bem claro esses separatismos de “direita e esquerda”:

Em “Um girondino no Modernismo I”, Tristão opõe a “esquerda” e a “direita” entre os modernistas brasileiros. Os jacobinos encabeçados por Oswald de Andrade perpetuavam, segundo o crítico de O Jornal, a “concepção radical e suicida da poesia”; os girondinos, entre os quais Guilherme de Almeida se incluía, abraçavam “a anuência ao novo sem sacrifício total do antigo. A revolução das formas com a conservação da essência”. Assim, contrariamente ao “instinto demolidor” dos primeiros, os girondinos desagregam para melhor exprimirem, julgam eles, uma sensibilidade mais sutil, ampla, reticente, que se sente insatisfeita em moldes rígidos, em formas regulares. Procuram, portanto, a destruição da forma [...], não por uma radical pessimismo, por um espírito

⁴⁷ Mário e Bandeira se referem metaforicamente à “mesa” em decorrência de uma fotografia tirada por Graça Aranha, Ronald de Carvalho e Renato Almeida em 18 de março de 1922, todos sentados em volta a uma mesa.

⁴⁸ Carta a Mário de Andrade, 26 de dezembro de 1925.

*demoníaco de negação, como os suicidas do pau-brasil – mas por adaptarem a forma poética à sua sensibilidade dispersa e vaga.*⁴⁹

Podemos dizer que Graça Aranha fazia parte dessa “direita” do Modernismo brasileiro, como também o fazia Guilherme de Almeida, citado na nota anterior; a “esquerda” era composta por Mário, Bandeira, Oswald e outros tantos “rapazes”.

3. Outras Intrigas, Outras Pessoas

a) Monteiro Lobato

Finalizando esse nosso segundo capítulo dedicado às brigas e confusões do meio modernista, alguns outros desentendimentos não poderiam ficar de fora, especialmente aqueles envolvendo Monteiro Lobato⁵⁰.

Os desafetos com Lobato começaram bem antes do próprio Modernismo se fixar oficialmente. Em 1917, Lobato criticou duramente a exposição de Anita Malfatti⁵¹ com o

⁴⁹ Nota deslocada da edição de MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, nota no.89, p. 223.

⁵⁰ José Bento Monteiro Lobato (1882-1948). Figura polêmica dentro do Modernismo brasileiro, Lobato teve uma atuação paradoxal: ao mesmo tempo que defendia uma pintura acadêmica e conservadora, trazia à luz personagens e mundos antes ignorados na literatura, como é o caso da crítica político-social em *O Jeca Tatu*. Além disso, militou politicamente na defesa da causa petrolífera em favor do Brasil, chegando a ser preso pelo Estado Novo. Foi um grande entusiasta da indústria editorial brasileira, fundando e dirigindo a *Monteiro Lobato & Cia Editores*, à qual muitos escritores recorreram ao longo do Modernismo. Publicou *Urupês*, *Reinações de Narizinho*, *Cidades Mortas* dentre outros.

⁵¹ Anita Malfatti (1889-1964). Originária de uma família italiana deveras conservadora, Anita teve contato com a vanguarda expressionista durante algumas viagens de estudo que fizera pela Europa (Alemanha) e Estados Unidos. Sua exposição de 1917 foi precursora do Modernismo no Brasil, despertando a admiração dos modernistas da primeira geração. Depois das duras críticas feitas contra ela na imprensa e a atitude reacionária da sua família, ela retorna à Europa em 1923; todavia, ela recua no seu estilo criando obras mais intimistas e até de cunho religioso, fugindo muito da arte vanguardista do início de carreira e se

incendiário artigo “A propósito da Exposição Malfatti. (Paranóia ou mistificação?)”, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Lobato, assim como Graça Aranha, também conseguiu abrir “trincheiras” ideológicas entre os modernistas com atitudes peculiares: aproveitava muito do prestígio e dos contatos que tinha na imprensa para denegrir o movimento, gerando desentendimentos sérios e externando uma considerável falta de caráter, principalmente no que dizia respeito ao cumprimento de promessas de publicação de certos escritores; Mário e Bandeira foram “vítimas” em situações muito parecidas. Na verdade, Monteiro Lobato procurava publicar na sua editora títulos direcionados para públicos específicos, especialmente pessoas advindas de certas camadas mais abastadas da sociedade, e por isso mesmo com tendências receptivas mais conservadoras. Sabemos que alguns modernistas tinham “má fama”, preconceitos gerados pela atuação destes na defesa do movimento, especialmente no episódio da Semana de Arte Moderna, o que legou a Mário a perda de todos os seus alunos particulares de piano, restando-lhe somente o trabalho no Conservatório Musical de São Paulo. Certamente, todos esses fatores levavam Monteiro Lobato a se comportar de uma maneira não muito digna com alguns, gerando grandes intrigas.

O primeiro a ressaltar tais dificuldades com Lobato foi Manuel Bandeira. Nesta carta ele relata os primeiros contatos com a *Monteiro Lobato & Cia*:

Os meus poemas estão nas mãos do Lobato. São A cinza das horas aumentada de algumas poesias da mesma época, o Carnaval, e a parte inédita a que dei o título de Onda

distanciando um pouco dos seus amigos de geração do Modernismo. Quando morreu, estava num considerável isolamento e até esquecimento do grande público.

solitária. Tudo deveria sair com o nome geral de Poesias. Que te parece? O Couto aconselha chamar o livro pelo título da 3ª parte: Onda ...

O Lobato fechou contrato comigo desde agosto do ano passado. Todavia até agora, nada. Ele diz que verso não é negócio, é negocinho. Que isso de versos é bucha, sejam péssimos ou excelentes.

Se o Lobato desistir da idéia de editar-me, não aparecerei mais a público senão em revistas: não tenho dinheiro nem paciência nem gosto para editar a mim próprio.⁵²

Será compreensível o repúdio que Bandeira terá pelo autor de *Urupês*, pois o contrato fora assinado em agosto de 1922 e esta carta data de maio de 1923, ou seja, são nove meses que Bandeira fica esperando uma resposta de Lobato que nunca chega de maneira definitiva, somente a desvalorização da própria poesia como “negocinho”. A reação do autor de *Libertinagem* não será outra: o rompimento definitivo com Monteiro Lobato:

Meu caro Mário

O Lobato acaba de me roer a corda, comunicando-me que não editará mais os meus versos, para a publicação dos quais ele se comprometera formalmente há mais de um ano, compromisso esse várias vezes renovado, sendo que o último não data ainda de um mês. É um canalha, cuja palavra não merece fé. E como não posso confiar que ele me devolva os originais com a devida cautela para que não se percam no correio, peço-te, meu caro Mário, o grande favor de passares pelo escritório da firma Monteiro Lobato & Cia, Gusmões 70, a fim de te seres entregues os meus manuscritos. Nesse sentido vou escrever para lá. [...] Peço-te ainda que, se estiveres com o Lobato, não converses a meu respeito,

⁵² Carta a Mário de Andrade, 31 de maio de 1923.

*nada digas em meu favor e te limites a receber os originais. Quando estivermos juntos lerás a correspondência que justifica esse pedido assim como o juízo emitido atrás.*⁵³

Não é de admirar que, com essa atitude de Monteiro Lobato, criar-se-á uma séria dificuldade de relacionamento de Bandeira e outros escritores com o autor de *Urupês*, tanto que após esse incidente Ribeiro Couto logo cortará relações com Lobato. Couto fora o responsável pela aproximação de Bandeira com Monteiro Lobato, fazendo uma espécie de intercâmbio entre eles, daí o imediato rompimento também entre os dois.

Bandeira se sentiu tão aviltado com a atitude de Monteiro Lobato que desenvolveu uma espécie de “trauma” pelo mesmo. Em 1930, quando Lobato propôs a Mário traduzir *Macunaíma* para o Inglês, Bandeira se posicionou frente ao caso, dando alguns conselhos ao amigo paulista de como proceder com Monteiro Lobato:

*Desde saída tive boa impressão do caso Monteiro Lobato. E quando vi o seu irmão botando água na fervura não duvidei mais do meu juízo. Você deve topar com o Lobato, mas ... garantindo-se mediante contrato em regra. Atenção: não fazer contrato epistolar que o safado foi assim que me roeu a corda. O Lobato já conhece o meio editorial americano onde publicou O choque das raças; é funcionário consular.*⁵⁴

Todavia, Lobato aprontaria novamente, desta vez será Mário a vítima. A tradução de *Macunaíma* sofreu atrasos e certos impedimentos nos Estados Unidos, o que levou Mário a acreditar na responsabilidade de Lobato, que nessa época trabalhava como adido comercial do Brasil naquele país; é quando ele comenta com Bandeira:

⁵³ Carta a Mário de Andrade, 24 de setembro de 1923.

⁵⁴ Carta a Mário de Andrade, 28 de agosto de 1930.

Quanto ao Monteiro Lobato, quase já tirei a limpo que o caso dele foi só me prender e mais uma vez provar que é um f.-d-p. muito grande. Pois pelo que me escreveu o pai da Gretchen la Garçonne⁵⁵, um sujeito brasileiro que mora em Nova York já andou querendo atrapalhar a tradução da Marquesa de Santos. Pelo que nós sabemos do Lobato, isso deve ser ele mesmo.⁵⁶

Impressiona a falta de caráter de alguns escritores, como bem demonstram as atitudes de Monteiro Lobato em relação a alguns modernistas. Tais fatos justificam as várias divergências ideológicas que provocaram tantas brigas.

b) Oswald de Andrade

O nome de Oswald de Andrade está ligado aos primórdios do movimento modernista no Brasil. Um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna em 1922, teve inicialmente uma grande amizade com Mário de Andrade, formando com este, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Menotti del Picchia o chamado “Grupo dos 5”, tamanha a união e o companheirismo dos mesmos. De temperamento difícil e explosivo, Oswald mais tarde romperá definitivamente com Mário, quase na mesma época que também se separa de Tarsila do Amaral para unir-se com Patrícia Galvão, a Pagu. Também foi o autor de manifestos explosivos que deram base teórica a certos setores do Modernismo, como o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, em 1924 e o *Manifesto Antropófago*, em 1928. Manuel Bandeira não teve desentendimentos com Oswald, até o admirava, reconhecendo o devido

⁵⁵ Trata-se de Margaret Richardson, responsável pela tradução de *Macunaima* para o Inglês.

⁵⁶ Carta a Manuel Bandeira, 12 de dezembro de 1930.

valor que ele tinha dentro do Modernismo, principalmente no que concernia às suas propostas teóricas de um nacionalismo crítico; contudo, Bandeira não ignorava certos posicionamentos e atitudes equivocadas de Oswald, principalmente na época do rompimento com Mário.

Numa carta a Manuel Bandeira, Mário fala da amizade e da não disposição de entrar em conflitos com Oswald:

*Leste o meu artigo sobre o Oswald? [...] Longe de mim qualquer idéia de romper com o Oswald. Somos bons camaradas e dedico a ele a Escrava.*⁵⁷

Certamente Mário ainda tinha gratidão e reconhecimento pelo seu amigo “Oswaldo” (recurso utilizado por Mário para abrigar o nome do companheiro). Fora Oswald de Andrade quem descobriu Mário e o apresentou no artigo “Meu poeta futurista” (1921) no *Jornal do Comércio*. Entretanto, em 1928, após uma série de desentendimentos e brigas envolvendo aspectos morais (Oswald fez circular pelo meio cultural paulista insinuações da suposta homossexualidade do autor de *Lira Paulistana*), Mário se desentende de uma vez por todas com Oswald, o que leva Bandeira a perguntá-lo:

*Que há por aí? Aqui correu a notícia que você e o Oswald tinham embolado: é verdade?*⁵⁸

É quando Mário fala das suas brigas com o ex-amigo pela primeira vez:

⁵⁷ Carta a Manuel Bandeira, outubro de 1924. [não há datação do dia de escrita da mesma].

⁵⁸ Carta a Mário de Andrade, 28 de março de 1930.

Não sei bem o que você quer dizer com o X. [Oswald de Andrade] e eu termos “embolado”, parece que é “brigado”, mas brigado ou feito as pazes, nada sucedeu e da minha parte você sabe que é impossível que suceda qualquer coisa entre nós. Minha força de vontade é mesmo pasmosa: esse ser não existe pra mim e vem dumas lonjuras tamanhas quando me falam dele que até me espanto. E graças a Deus, porque uma memória dessas você bem sabe que só poderá me fazer sofrer. E infelizmente sofrer pelo de quem se trata, não vale a pena.⁵⁹

Neste momento o rompimento entre os dois já tinha ocorrido e era irreversível, Oswald até tentou reatar a amizade algumas vezes, mas percebendo a falta de disposição de Mário para fazê-lo ele se afastou definitivamente⁶⁰. Quanto mais passava o tempo, maior era a distância entre aqueles que em outros tempos foram tão próximos um do outro, e tal verdade se verifica nesta carta de Mário de 1933, onde também aparece um outro desafeto do poeta:

Qualquer referência carinhosa ou saudosa ou odienta mesmo a um ser longe, traz a imagem consigo. A gente vê a pessoa referida ou pensada. [...] Sou incapaz de imaginar o

⁵⁹ Carta a Manuel Bandeira, 07 de abril de 1930.

⁶⁰ “Murilo Miranda, o jovem diretor da *Revista Acadêmica*, em 1944, ao dar notícias de Oswald de Andrade a Mário de Andrade, põe o dedo na ferida antiga. Caudaloso, Mário explica e explica-se, revolvendo rancores insepultos: [...] eu achava ótimo que você não perdesse nunca mais duas páginas de carta me falando no indivíduo com quem você jantou carneiro na Urca. Na verdade, jantou porco. Mas eu não tenho nada com isso, nem jamais nunca exigi dos meus amigos a mais mínima espécie de solidariedade com o único ódio que me depauperou e sujou. Ódio, nem é bem ódio: será ódio apenas pela obrigação moral de odiar um indivíduo que se chafurdou nas maiores baixezas do insulto e da infâmia pessoal. É uma espécie assim de ódio a posteriori. Se eu visse ele se afogando, acho que o meu impulso natural seria pegar num pau e dar pra ele se salvar. Mas logo, refletindo, eu percebia que devo odiar ele, e o pau me servia pra empurrar ele mais fundo na água bendita. [...] se trata dum indivíduo que é em toda a rica extensão da palavra ‘miserável’, tanto usada pra leprosos, como pra qualquer indigente ou qualquer bandido: esse miserável. Não imagine que estou me vingando por carta: me entenebreço. Se trata de um miserável, e apenas. Um dia levado pela fatalidade da consciência, falei nele num escrito meu [“O movimento modernista”] [...]. Espero em Deus que nunca mais seja obrigado a isso pois do momento em que li a vilania dele com que me afastei, em respeito ao meu passado fechei meu coração. E apenas. Nunca pensei, não leio ele, não falo, não quero, jamais quis saber dele. (10 jul. 1944. *Cartas a Murilo Miranda*, 1934/1945, p. 167-8). [nota deslocada de MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, p. 443.]

Raul Bopp⁶¹, apesar da canalhice que ele fez comigo⁶² e eu não me dar mais com ele nem ter por ele a mais mínima ternura senão num dos aspectos mais bons, mais felizes em que ele me apareceu nos nossos raros contatos. Mesma coisa com o Osvaldo de Andrade, que no entanto eu odeio friamente, organizadamente, a quem certamente não ofereceria um pau à mão, pra que ele se salvasse de afogar. Você está vendo que sou assassino em espírito! Mas é que eu me gastei excessivamente com ele.⁶³

Esta é uma das últimas referências que Mário faz de Oswald no seu epistolário com Manuel Bandeira, e pelas expressões utilizadas percebemos o grau de inimizade existente entre eles naquele momento. Nesta mesma época, o lendário “Grupo dos 5” não passava de uma vaga lembrança do início do Modernismo.

Todas essas intrigas narradas e comentadas nos fazem perceber a importância do estudos dessas cartas, elas são testemunhos narrativos de fatos que contribuem para essa nossa “leitura” do Modernismo. Os desentendimentos entre as principais figuras do movimento revelam as dinâmicas desse mundo marcado pela heterogeneidade ideológica e comportamental, permitindo-nos um olhar mais crítico e compreensivo dos autores envolvidos, bem como de suas respectivas obras.

Manuel Bandeira sempre se mostrou um tanto “frio” frente aos problemas de convivência com os seus desafetos, procurando não absorver para si os problemas alheios, tinha uma espécie de “auto-defesa” que lhe permitia um certo distanciamento. Mário de

⁶¹ Raul Bopp (1898-1984). Ajudou a dirigir a *Revista de Antropofagia* na sua fase inicial, era amigo de Osvaldo de Andrade e foi por este apresentado a Mário. Raul Bopp depois seguiu a carreira diplomática e nunca teve amizade com Mário, tanto que este não faz referência nem crítica a respeito da obra literária de Bopp; publicou *Cobra Norato* (1931) e *Urucango* (1933).

⁶² Não encontramos referências acerca dessa “canalhice” aludida por Mário.

⁶³ Carta a Manuel Bandeira, 18 de janeiro de 1933.

Andrade já se comportava diferente, somatizava mais as dificuldades de convivência com os demais, procurando sempre uma razão para tudo o que acontecia; sua sensibilidade extremada o fazia sofrer por causa dos outros, provocando-lhe inúmeros momentos de depressão e dificultando-lhe o convívio com os demais.

